

## Literatura, memória e identidade: entrevista com Ondjaki

*Renally Arruda Martins de Lima* \*

Mestranda em Linguagem e Ensino - PPGLE na UFCG. Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba. Especializanda em Tecnologias Digitais na Educação, pela mesma instituição.

 <https://orcid.org/0000-0002-2439-8063>

*Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega* \*

Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2003). Atua como professora da Graduação em Letras e da Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira.

 <https://orcid.org/0000-0002-0985-6484>

**Recebido:** 10 ago. 2020. **Aprovado:** 28 ago. 2020.

### Como citar esta entrevista:

LIMA, Renally Arruda Martins; NÓBREGA, Maria Marta dos Santos Silva. Literatura, Memória e Identidade: Entrevista com Ondjaki. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 9, n. 3, p. Port. 293-302, ago. 2020.

Ondjaki, que em umbundo significa guerreiro, é o pseudônimo artístico de Ndalú de Almeida - nascido em Luanda, Angola, no ano de 1977. É sociólogo, prosador, poeta, roteirista, artista plástico e Membro da União dos Escritores angolanos. Como escritor já tem mais de 20 obras publicadas, dentre elas destacam-se os romances *Bom dia camaradas* (2001), *Quantas Madrugadas Tem a Noite* (2004), *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2008) – ganhadora do Prêmio Jabuti na categoria juvenil - e *Os transparentes* (2012); os livros de contos *Momentos de aqui* (2001), *E se amanhã o medo* (2005), *Os da minha rua* (2007), obra vencedora do Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco, da Associação Portuguesa de Escritores; as narrativas

---

\*  [rellyamlima@gmail.com](mailto:rellyamlima@gmail.com)

\*  [martanobregaufcg@gmail.com](mailto:martanobregaufcg@gmail.com)

infanto-juvenis *Ynari: a menina das cinco tranças* (2004), *o leão e o coelho saltitão* (2008), *Uma escuridão bonita* (2012) e *O convidador de pirilampos* (2017), a novela *O Assobiador* (2002) e os livros de poesias *Actu sanguíneu* (2000), *Há prendisajens com o xão* (2002), *Materiais para a confecção de um espanador de tristezas* (2009), *Os modos do mármore* (2015) e *Há gente em casa* (2018).

Considerado um dos mais promissores escritores africanos lusófonos de sua geração, Ondjaki possui papel fundamental para o alargamento da literatura angolana, através de uma produção que recupera a questão da esperança para o país através de uma linguagem marcada, sobretudo, pela oralidade, apresentando várias narrativas ambientadas no período pós-independência que retratam fatos do cotidiano luandense, o que contribui para a afirmação da identidade cultural angolana.

A entrevista realizada com o escritor, via e-mail, em meados de fevereiro de 2020, integra um dos dados coletados na pesquisa de mestrado intitulada *As estórias que contam Os da minha rua na sala de aula, desvelando signos identitários de Angola na obra de Ondjaki*, cujo objetivo principal é refletir sobre a importância de correlacionar cultura e identidade em sala de aula a partir de uma experiência da leitura literária realizada por alunos do Ensino Fundamental, com a referida obra. Na formulação das questões ao entrevistado, e motivadas pelas provocações da leitura ao livro-objeto de nossa análise, elegemos destacar que na obra do autor, a memória se configura como um fio condutor para a afirmação de uma identidade a partir da literatura. Tendo em vista esse aspecto, Ondjaki considera que o recurso mnemônico de seu projeto literário tem, sim, o espaço luandense como pano de fundo, mas ultrapassa essa particularidade, posto que a universalidade, inerente à produção literária, possibilita ao leitor refletir acerca de questões humanas em suas diversas nuances: política, social, educativa e cultural.

**Pesquisadoras:** Em entrevistas<sup>1</sup> você já afirmou que começou cedo a se envolver com a arte. A partir de que momento tiveste a percepção de que a Literatura é o melhor espaço de tua autorrepresentação e, ao mesmo tempo, da representação de Angola?

---

<sup>1</sup>Ver entrevista concedida pelo autor Ondjaki ao programa Roda Viva em 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JlIrrqHFgFQk&t=2095s>; Entrevista ao Canal Futura disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yqi3lLpAtZc&t=368s>; Entrevista ao TDM Portuguese News & Programs disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m6pck2H2mpk>.

**Ondjaki:** Não sei se é o melhor espaço para autorepresentação ou a representação de Angola. A literatura não é um espelho de um país ou de uma cultura. Creio que pode incorporar elementos, mas não necessariamente representa um país. Ou a pessoa 'do' autor. Envolvi-me cedo com as artes, teatro, pintura e literatura, por algum tipo de chamamento que não creio que tenha uma explicação. Acabou por ser uma suave urgência, e depois as circunstâncias permitiram que algo dentro de mim encontrasse a escrita. Tal como um dia algo dentro de mim se afastará da escrita. Restará o sonho. Não escrito nem falado, mas por dentro. E depois a morte.

**Pesquisadoras:** É notável, em suas obras em prosa, a recorrência de um narrador miúdo, o menino Ndalú. Ele é o contador e ao mesmo tempo personagem de várias histórias como as pertencentes ao bloco de narrativas produzidas na década de 1980, composta por *Bom dia camaradas*, *Avodezanóve e o segredo do soviético* e *Os da minha rua*, além de outras que explícita (por exemplo de *A bicicleta que tinha bigodes*) ou implicitamente, como em *Uma escuridão bonita*, são contadas na voz desse menino que poderíamos atribuir a função de *griot* de Angola. Nesse sentido, o que representa a escolha desse narrador no seu projeto literário nacionalista?

**Ondjaki:**... Eu não tenho um projecto<sup>2</sup> literário nacionalista... Tenho um projecto literário pessoal. Parte desse projecto tem um narrador-criança que se vai revelando aos poucos. Em 2020 sai um novo livro, 'o livro do deslembramento', onde aparece quase esse mesmo narrador. Digo 'quase' por que creio que não é o mesmo. Já em "AvóDezanove..." não sei se é o mesmo de "Bom dia camaradas". Mas há algo nessa estrutura que é, sim, a "criança dos anos 80". Eu não posso atribuir a esse narrador a função de *griot*. O tempo poderá.

**Pesquisadoras:** A avó Agnette/avodezanóve parece figurar o lugar da imaginação, da fantasia e da sabedoria em suas obras. Que papel ela representa na construção dessas narrativas?

---

<sup>2</sup> No decorrer da entrevista, algumas palavras estão grafadas de acordo com a variação linguística ocorrida na Língua Portuguesa no país de nascimento do autor, Angola.

**Ondjaki:** Ela representa um papel maior do que aquilo que eu posso vislumbrar ou calcular. Ela tem aparecido, claro, na minha vida como uma avó sanguínea. Mas, na minha literatura, ela aparece como uma avó de muitos. Como são as avós que podem abranger muitos netos (ou muitas pessoas) devido à sua dimensão de 'portadoras de História e de estórias'. Ela não é especial por ser a minha avó materna. Ela é especial por ser uma mulher com a energia que a moveu ao longo desta vida, passando pela História e pelas estórias com a habilidade de deixar um legado. Parte desse legado ficou comigo, parte estará com outros netos, parte estará em lugar afectivo incerto. E é assim a vida.

**Pesquisadoras:** Você já morou no Brasil durante vários anos. Muitos autores costumam afirmar que o processo criativo de suas obras se dá através da observação do cotidiano das pessoas. Em relação ao tempo que você passou no país, há algum projeto literário desenvolvido ou em processo de execução que tenha sido pensado nessa perspectiva?

**Ondjaki:** Talvez um dia. As coisas sempre 'voltam a mim' um pouco mais tarde. E esse 'um pouco' pode ser bastante mais tarde. Eu morei no RJ entre 2008 e 2016, agora estou no 'depois disso'. Houve muita coisa que me sucedeu, por dentro e por fora, nesses anos, mas foram coisas do foro muito pessoal e privado. É difícil prever o que disso vai chegar aos livros. Algo chegará. Eu pretendo que chegue. Mas essas coisas dos livros não são totalmente controladas pela cabeça que pensa. Outras energias dançam e é na espera dessa dança que depois poderemos escrever. Ou não.

**Pesquisadoras:** Voltando a morar em Luanda, qual(is) aspecto(s) da cultura brasileira pode(m) ser percebido(s) em Angola e vice-versa?

**Ondjaki:** Não sei responder a esta pergunta. Eu diria que depende muito da atenção social de cada pessoa. Há a Angola que se quer ver, e a que não se quer ver. O mesmo com o Brasil. O mesmo com a Palestina. O mesmo com o racismo. Ver ou não ver, hoje em dia, depende muito do nosso grau de alerta e de interesse. O que eu, pessoalmente e com muita tristeza, vejo à distância, é que os actuais responsáveis políticos brasileiros estão a regredir no que toca à cultura e políticas sociais brasileiras. É triste assistir a isso, num país que nos últimos anos tinha feito

enormes avanços nesses campos. Mas há notas positivas, por exemplo no campo do cinema: veja como mesmo sem apoio, e aliás, até com tentativas de silenciamento do cinema brasileiro, os artistas se organizam, se ajudam, se financiam e mostram resultados lindíssimos dentro e fora do Brasil. Por que a arte é resistência, e sempre há-de ser.

**Pesquisadoras:** A “estiga” parece ser um procedimento recorrente em suas histórias. Ela seria uma forma de trazer leveza aos temas que você aborda, ao imprimir um aspecto humorístico/irônico ao seu texto?

**Ondjaki:** Eu não sei o quanto isso pode ser controlado. Creio que faz um pouco parte do 'modo luandense de contar e de estar' e, por outro lado, talvez faça parte do meu modo de contar. É a minha maneira, talvez um pouco luandense, de não criar fronteira entre o riso e a densidade, entre a leveza e a crítica, entre a verdade de doer e os sorrisos que a dor da verdade também pode trazer.

**Pesquisadoras:** Lendo sua obra percebe-se que os professores cubanos são mencionados de forma positiva. Qual a influência deles na tomada de consciência do processo de reconstrução de uma identidade angolana?

**Ondjaki:** Sim, sempre tive um contacto muito afectuoso e criativo com os professores cubanos. Não sei se era no sentido da reconstruir a identidade angolana, mas era certamente a passagem de uma ideia de reforço da independência dos angolanos, bem como as referências ao 'bem colectivo', ao homem social como um todo. Creio que isso nos marcou muito, aos da minha escola, aos da minha rua, aos da minha geração.

**Pesquisadoras:** Em entrevista ao Portal Aprendiz em 2011, você afirma que “a educação é quase tudo num país em reconstrução”. De volta a Luanda, há mais de dois anos, você percebe algo sendo feito pelo governo na promoção de melhorias na educação?

**Ondjaki:** Sim, percebo as tentativas. Mas creio que temos que organizar mais, nos esforçar mais, nos desafiar mais. E digo isto no sentido de sermos 'todos', seja o cidadão, a criança, o mais-

velho, mas também e sobretudo os governantes. Os ministros, os deputados, têm que fazer um esforço maior em estudar a realidade para que as soluções sejam no mínimo duradouras e adequadas. Estes dois factores costumam ser cruciais na ação social e política. Um muito correcto diagnóstico, uma adequada solução e uma estratégia a longo termo, costumam resultar melhor do que o inverso disso.

**Pesquisadoras:** No documentário “Cartas para Angola”, você afirma conhecer a escritora angolana Paula Tavares desde pequeno e demonstra sua admiração por ela. Nas obras *Avodezanóve e o segredo do soviético* e *Os da minha rua* são apresentadas pós-narrativas na seção “Para tingir a escrita de brilhos lentos e silenciosos (troca de cartas)”. Qual a representação e/ou efeito estético da inserção dessas cartas nas obras?

**Ondjaki:** Eu tenho uma relação de afecto pessoal e literário muito forte com a Paula Tavares. Creio que sou correspondido. Então essas cartas são uma forma de continuar a escrita mas também de celebrar o afecto pela escrita. Resulta ainda como uma provocação para que a Paula escreva. Ela é uma excelente escritora, uma grande mulher, uma profunda conhecedora da cultura angolana, uma mulher de uma ternura e sabedoria transbordantes. Se ela me escreve um pequeno bilhete ou uma pequena carta, o meu coração sorri durante anos. E parte desse sorriso fica guardado no fim desses livros.

**Pesquisadoras:** Luanda é considerada por pesquisadoras brasileiras, como Tânia Macedo, um dos espaços simbólicos privilegiados dos textos literários angolanos. Para ela “a Luanda dos textos erige-se, pois, como símbolo da nação desejada” (MACEDO, 2001,), isto é, o lugar da esperança. Partindo disso, qual a contribuição/representação do cenário luandino para a configuração do espaço literário representado em sua obra?

**Ondjaki:** Eu diria que não tenho opção. Eu não escolho. Eu não escolhi. Luanda impõe-se em mim e nalgumas das minhas estórias, e eu não lutei contra isso. É o que posso dizer. Mas gostaria que todos e outros espaços, urbanos ou não, aparecessem mais na literatura angolana no geral. Creio que com os últimos anos de paz isso vai acontecer cada vez mais. E isso é bom, porque os lugares e as cidades também existem nos livros, e na nossa imaginação. E nós depois de os

lernos, voltamos a olhar para os lugares de outro modo. Esse novo olhar, recompõe o lugar. É metafísico, mas é verdadeiro. O chão do lugar reconhece isso. As curvas dos rios também. Há textos que alteram o corpo dos lugares.

**Pesquisadoras:** Na obra *Os da minha rua*, as personagens femininas sugerem, ao leitor, que há uma concepção machista que envolve o ambiente das narrativas, como é possível perceber em “os óculos da charlita”, “manga verde e o sal também” e “os quedes vermelhos da Tchi”. Em *A bicicleta que tinha bigodes*, também há a presença dessa marca expressiva, como uma denúncia provocativa da herança europeia patriarcal. Houve alguma intencionalidade em imprimir nesses textos essa herança? Caso não, o que você poderia falar sobre a relação da atuação das personagens femininas frente às masculinas?

**Ondjaki:** Creio que há uma concepção machista real, nos contornos quotidianos da cultura angolana. Seja por matriz mesmo africana (nalguns casos) seja pelo que adveio do contacto com a cultura europeia que chegou ao longo dos séculos. Pessoalmente, não me interessa tanto a origem, interessa-me que seja desconstruído qualquer 'lugar inferior' que se atribua a uma mulher, a uma criança ou a algum grupo que se torna, assim, discriminado.

A minha intenção é um pouco inconsciente mas, como são assuntos que me preocupam, acredito que emergem naturalmente nos textos. Quero sim debater com a imaginação e as convicções dos leitores os temas como o machismo, o racismo, xenofobia, e as mais diferentes 'tendências de género' que surgiram ao longo do tempo e que é necessário reconhecer e respeitar.

**Pesquisadoras:** Ao mesmo tempo em que revela traços de uma sociedade patriarcal, suas histórias - embora contadas por um narrador e/ou eu-lírico aparentemente masculino – trazem diversas personagens femininas caracterizadas como mulheres inteligentes, sábias, independentes e com voz ativa em meio a um universo infantil em que parecem predominar os homens. Você mostra, através da sua narração, que neste universo todos parecem conviver de forma igualitária. Pensando assim, sobre a invisibilidade da mulher, essa seria uma forma proposital (ou não) de sua produção contribuir para as discussões acerca da representatividade feminina no processo de identidade cultural de um país?

**Ondjaki:** Não sei se proposital, mas necessária, e natural. São temas actuais [sic]. E são esses grandes temas actuais que eu penso que devemos tratar com as crianças desde cedo. E quando digo 'com as crianças' quero enfatizar o "com". Não é "para" as crianças. É debater, ouvir, incluir, refazer as nossas crenças e convicções, e construir "com" as crianças uns modos mais arejados de ler 'os outros', ou a cultura 'do outro'.

**Pesquisadoras:** Você já afirmou que antes de passar qualquer mensagem política, uma obra deve primeiro passar uma mensagem literária. Qual(is) seria(m) a(s) mensagem(ns) -literária e política - que você consegue enxergar na obra *Os da minha rua*?

**Ondjaki:** (risos) Eu não preciso enxergar... A minha parte foi escrever. Para mim esse livro é essencialmente uma obra de afectos e memórias feitas literatura. Creio que há um lado político nessa obra que advém da própria realidade, portanto das memórias e, portanto, do que se configurou como "esse livro". Mas as análises deixo para os demais.

**Pesquisadoras:** Nas obras em que há ilustrações, você oferece duas possibilidades de linguagem a ser explorada pelo leitor, a verbal – de sua autoria – e a não-verbal – de um ilustrador. Entretanto, é público que você, além de escritor também é artista plástico. Você já produziu alguma obra em que esses dois tipos de linguagem são de sua autoria? Ou é mais interessante, para você, lançar uma obra com uma recepção que é a perspectiva do ilustrador?

**Ondjaki:** Nunca fiz desenhos para livros meus... Talvez um dia. Mas eu não me considero um artista plástico, isso foi um pequeno erro de percurso. E que deixou leves marcas. Eu acho que o ideal é a obra ter a linguagem verbal e não-verbal muito misturada. Gostaria que acontecesse isso. No livro "uma escuridão bonita" creio que isso está muito perto de ser conseguido. E isso é que me alegra. Eu quero discordar daquilo que você disse, quanto a essa separação de linguagens. Ou melhor, gostaria que essa separação fosse apenas aparente. O mais interessante para mim é que o livro seja feito e refeito pelos dois, ou mais que dois.

**Pesquisadoras:** No Brasil, em 9 de janeiro de 2003 foi promulgada a Lei 10.639 que determina, entre outras ações, a inclusão no currículo oficial da Rede de ensino do estudo da História da

África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. Para você, qual a influência disto na propagação das literaturas africanas de língua portuguesa no país?

**Ondjaki:** Acho que deve ser o cidadão brasileiro a avaliar esta questão. Acho que foi absolutamente crucial esse passo para que o Brasil tome consciência da importância de conhecer todas as suas origens, nomeadamente a influência Histórica desse longo processo que foi não só a escravatura, mas essa vasta migração forçada de magnitude continental. Esse 'passado' ajuda o Brasil a conceber-se no presente, a repensar-se enquanto nação, a repensar a questão da raça e dos conflitos sociais, de classe, o lugar do indígena etc. O estudo da História de África para o cidadão brasileiro, para as crianças brasileiras de todas as origens, não pode ser deixado ao acaso. Tem de existir na escola e na sociedade e, de preferência, tem de existir com muita qualidade de conteúdos. Portanto, a questão para mim não é a propagação das literaturas africanas. É a propagação do conhecimento dentro do próprio Brasil, sobre uma parte vasta da sua cultura.

Talvez isso contribua para alguns processos de apaziguamento, mas também de justiça, de equilíbrio, e de um auto conhecimento que possa servir para a desconstrução gradual de tanto preconceito que a História cria ou arrasta.

### **Palavras conclusivas:**

A entrevista com Ondjaki nos proporcionou ampliar o horizonte das discussões no âmbito de nossa dissertação de Mestrado, sobretudo no tocante à inserção de recursos da memória recorrentes na obra do autor. O que antes nos parecia um procedimento estético relacionado a um projeto literário focado, possivelmente, em uma escrita de si, após a entrevista, vislumbramos como um desdobramento mais amplo desse projeto que parece tomar a infância como um espaço fechado, uma simbologia da casa que no dizer de Bachellard (1993, p. 25) compreende um espaço de acolhimento propício para “guardar as lembranças, conservando-lhes seus valores de imagens”, mas que, na obra de nosso entrevistado, carece de resignificação. Nesse sentido, pelo

viés da memória, recuperada na fala de cada narrador, o espaço individual de Luanda/Angola (imagem primeira da casa dos personagens) torna-se universal e possibilita que o leitor viaje no tempo, favorecendo uma releitura da história de uma África plural. Vale a pena realizar uma viagem em sua obra.

## Referências

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MACÊDO, Tania. *Caminhos da escrita de uma cidade: a presença de Luanda na literatura angolana contemporânea*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, 1º sem. 2001, p 240-249.

Disponível em:

[http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas\\_Scripta/Scripta08/Conteudo/N08\\_Parte03\\_art06.pdf](http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta08/Conteudo/N08_Parte03_art06.pdf)  
. Acesso em: 28 ago. 2020.

ONDJAKI. *Os da minha rua*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2015.